

DOSSIÊ ANPOF 01

LACAN E A DIMENSÃO (IN)SIGNIFICANTE DO PRAZER NO *WITZ*

Sergio Augusto Franco Fernandes

Mestre e Doutorando em Filosofia (UNICAMP)

Professor de filosofia da Faculdade São Bento (Mosteiro de São Bento da Bahia)

Psicanalista, membro do Colégio de Psicanálise da Bahia

Representante regional/NE do GT Filosofia e Psicanálise (ANPOF).

Resumo: Buscaremos compreender o motivo pelo qual Lacan destituiu o prazer do seu lugar atribuído por Freud no ensaio sobre o chiste, conferindo-lhe uma dimensão que resolvemos denominar de “insignificante”, na medida em que ressalta, desconsiderando o conceito de prazer, uma condição tida como “significante” para o *Witz*, estabelecendo, assim, uma analogia entre a técnica do *Witz* e a técnica significante.

Palavras-chave: Lacan – Freud – *Witz* – Prazer - Significante

Abstract: We will try to understand the reason why Lacan deposed the pleasure from the fundamental place ascribed by Freud in his theory of wit, giving to it a theoretical dimension we decided to call “insignificant” to the extent that Lacan highlights, in such a deposition, a condition he takes as “signifying” to the *Witz*. In this way he establishes an analogy between the technique of *Witz* and the technique of the signifier.

Keywords: Lacan – Freud – *Witz* – Pleasure - Signifier

Jacques Lacan, ao proferir o seu seminário sobre *As formações do inconsciente* (1957-1958) (Lacan 1999), desconsidera a dimensão do prazer no *Witz* ao tecer, da maneira que lhe é peculiar, isto é, ironicamente, uma crítica ao capítulo IV do livro sobre o *Witz*, de Sigmund Freud, intitulado “O mecanismo do prazer e a psicogênese do chiste” (Freud 1988a). Diz Lacan, sem muito argumentar, que essa seria a parte “patética” dessa obra de Freud: “Tendo chegado à parte patética de sua obra sobre a tirada espirituosa, a segunda, Freud se indaga sobre a origem do prazer que ela proporciona.” (Lacan 1999).

Entretanto, chamamos atenção para o fato de que o autor vienense ressalta a produção de prazer como sendo a característica principal do *Witz* (*idem*, p. 42). Buscaremos compreender o motivo pelo qual Lacan destituiu o prazer do seu lugar atribuído por Freud, conferindo-lhe, assim, uma dimensão que resolvemos denominar “insignificante”, na medida em que ressalta, desconsiderando o conceito de prazer, uma dimensão tida como “significante” para o *Witz*, estabelecendo, assim, uma analogia entre a técnica do *Witz* e a técnica significante.

Para Lacan, as relações entre o *Witz* e o inconsciente foram percebidas por Freud num plano formal, sendo, portanto, ao nível desse formalismo – de uma teoria estrutural do significante como tal – que Freud se colocara. O autor vienense discorre sobre a técnica do *Witz* enquanto “técnica verbal”, sendo que Lacan vai designá-la como “técnica do significante”, articulando a experiência lingüística com a experiência freudiana:

Vocês verão que a economia desse livro baseia-se em que Freud parte da técnica do chiste e volta sempre a ela. Que quer dizer isso para ele? Trata-se da técnica verbal, como se costuma dizer. Eu lhes digo, mais precisamente, técnica do significante (*ib.*, p. 24)

Contornando e desvalorizando a dimensão do prazer no *Witz*, Lacan tenta, de acordo com Jacques-Alain Miller (1999, p.26), descartar a idéia de uma produção de prazer enquanto característica essencial do chiste tendo, como objetivo, desviar a atenção do seu público em detrimento da questão do prazer para, num outro

momento do seu ensino, retomá-la, dando ênfase ao seu intrincado conceito de gozo. Ressaltamos também que o prazer e o gozo não pertencem ao mesmo registro, como comumente se pensa. O prazer é tido como uma barreira contra o gozo, gozo esse que se manifesta sempre enquanto excesso em relação ao prazer, confinando com a dor.

Do ponto de vista de J.D. Nasio(1993, p. 32), na sua abordagem, digamos, “genérica”, do prazer e do gozo, ele os engloba como sendo duas formas distintas de expressão da energia psíquica. A nosso ver, ele consegue ilustrar, com certa clareza, essa distinção, mesmo contrariando o ponto de vista lacaniano. Para Lacan: “Qualquer físico sabe, claramente, (...) que a energia não é nada além da cifra de uma constância.” (1974, pp. 34-35). Nesse sentido, não sendo o gozo matematizável por uma combinação de cálculos, ele não pode ser energia. Apesar do extremo rigor da posição de Lacan, Nasio faz questão de apresentar e definir o gozo servindo-se da metáfora energética muitas vezes utilizada por Freud, visto que esta lhe parece ser a mais apropriada para dar conta do seu aspecto dinâmico e clínico. Afinal, Nasio vai dizer que o gozo é a energia que ativa o inconsciente, que o faz trabalhar. Mesmo sendo um critério bastante geral para distinguir o prazer e o gozo, ele coloca o seguinte:

Quanto a nós, não dispomos de uma fórmula algébrica para calcular o prazer ou o gozo. Nem o prazer nem o gozo são estritamente definíveis em si. Só podemos situá-los por seu contexto: no tocante ao prazer, consideramos a consciência, a sensação e a baixa de tensão; no tocante ao gozo, o fato de ele ser inconsciente, de coincidir com o aumento de tensão e de não ser, necessariamente, uma sensação. (Nasio 1993, p. 39)

É, pois, em 1959, no seminário sobre *A ética da psicanálise* (1959-1960)(Lacan 1995), que Lacan introduz o gozo de maneira conceitual no seu ensino, visto que, antes, falava do gozo de maneira muito próxima da que Freud falava, ou seja, no sentido corrente que essa palavra possuía no vocabulário comum. Lacan, portanto, não mais vai utilizar o termo gozo encontrado no vocabulário comum. Enquanto Freud considera-o sinônimo de prazer intenso ou volúpia, Lacan o importa do discurso jurídico, que o liga à noção de usufruto, cuja essência é repartir, distribuir e retribuir o gozo.

Sabemos que Freud não tinha o hábito de utilizar o termo “gozo”, que acabou por tornar-se um conceito na obra de Lacan. Num primeiro momento ligado ao prazer sexual, esse conceito implica a idéia de uma transgressão da lei, participando da perversão, perversão essa teorizada por Lacan como sendo um dos componentes estruturais do funcionamento psíquico, diferentemente das perversões sexuais. Num outro momento, mais adiante, entre os anos de 1969-1972, Lacan repensa o gozo no contexto de uma teoria da identidade sexual, expressada em fórmulas da sexuação¹ (um conjunto de fórmulas lógicas), diferenciando as diversas modalidades de gozo. Saliento que nos deteremos no momento lacaniano da elaboração do conceito, sem ousar, ao menos nesse texto, adentrar nessa fase, talvez a mais espinhosa do seu ensino.

Como nos informa Elisabeth Roudinesco (1998. p. 299), o vocábulo “gozo” surgiu no século XV, mencionando a ação de fazer uso de um bem com o fim de retirar dele as satisfações que ele supostamente proporciona. Nesse sentido, como já fora visto, o termo aparece recoberto de uma dimensão jurídica vinculada à idéia de usufruto, definindo, assim, o direito de gozar de um bem que pertence a terceiros. No início do século seguinte, o referido vocábulo foi tomado por uma dimensão hedonista, tornando-se, então, sinônimo de prazer, alegria, volúpia e bem-estar.

No que tange a essa questão da elaboração de um novo conceito, a saber, o conceito de gozo, Roudinesco (1994, p. 150) nos lembra da longa e enigmática amizade entre Lacan e Georges Bataille (1897-1962), marcada por inúmeras permutas intelectuais e um grande incentivo deste último a Lacan, no sentido de estimulá-lo a publicar e tornar-se reconhecido. Sabemos também que Lacan participou de diversas atividades coordenadas pelo escritor, enriquecendo, assim, de forma consistente, suas próprias pesquisas, destacando aí o seu aprofundamento e conseqüente iniciação numa compreensão singular dos textos de Sade, que o levou, mais tarde, a uma teorização não freudiana da questão do gozo.

Em 1962, mesmo ano da morte de Bataille, Lacan efetua uma aproximação que, diga-se de passagem, levou algum tempo para ser compreendida, mesmo estando na base de sua teoria da perversão. Em seu artigo “Kant com Sade” (1962) (Lacan 1999a), Lacan desenvolve a idéia de uma equivalência entre o “bem” kantiano e o “mal” sadiano, pretendendo mostrar que o gozo se sustenta pela sujeição do indivíduo a uma ordem que pode conduzi-lo à destruição, na sua submissão ao Outro, deixando de lado o que pode vir a acontecer com o seu desejo. Enfim, os dois autores enunciavam a submissão de um sujeito à lei. Enquanto Sade fazia surgir o Outro na figura do torturador, deixando vir à mostra o objeto do desejo (*pequeno a*), Kant fazia desaparecer o objeto ao sugerir uma teoria da “autonomização” do sujeito pelo direito. Cito Roudinesco:

Desse modo, a moral kantiana era resultante, na interpretação lacaniana, não de uma teoria da liberdade, mas de uma teoria do desejo na qual o objeto era recalcado. Esse recalque era a seguir “iluminado” pelo discurso sadiano. Havia, portanto, simetria entre o imperativo sadiano do gozo e o imperativo categórico de Kant. (1994, p. 318).

Lembra-nos Lacan (1998, pp. 776-777) que “La philosophie dans le boudoir” surgiu oito anos depois da *Crítica da razão prática*, de Kant. Após demonstrar que ambas as obras podem ser compatíveis, Lacan assegura que a do marquês completa a de Kant, fornecendo a sua verdade. “Kant com Sade”, escrito em 1962 e publicado em abril de 1963 na revista *Critique*, na verdade, deveria ter servido de prefácio ao terceiro volume das obras completas do marquês, edição francesa de “La philosophie dans le boudoir” (Sade 1963). Acontece que o artigo de Lacan foi retirado da publicação por Jean Paulhan, por julgá-lo demasiado ilegível. Interessante é que Lacan não pronunciou sequer uma palavra diante dessa inesperada recusa.

Retornando à questão do gozo (*Genuus*), esse termo foi poucas vezes utilizado por Freud e, quando foi, era utilizado não como um conceito da sua teoria, mas, sim, como um vocábulo comum da língua alemã, possuidor de uma conotação sexual. Vale ressaltar que na língua alemã é estabelecida uma distinção entre *Genuus* – que, para os franceses, compreende as duas acepções da palavra *jouissance* – e *Lust*, que exprime as idéias de prazer, desejo e vontade.

O relato de experiências clínicas e o nosso dia-a-dia testemunham, de alguma forma, como certas tensões podem ser sentidas como agradáveis, contrapondo-se, assim, à lei de funcionamento do nosso aparelho psíquico, descrita por Freud, que diz o seguinte:

(...) que o prazer liga-se de algum modo com a redução, a diminuição ou a extinção das cargas de estímulos que trabalham no interior do aparelho mental, e que, de maneira semelhante, o desprazer está em conexão com o aumento dessas cargas. (Freud 1988b, p. 416)

Apesar de nem sempre conseguir responder de forma satisfatória aos problemas que se apresentam na sua concepção do princípio de prazer, Freud confere

a este um papel dominante no nosso funcionamento psíquico. Mais adiante, o próprio Freud vai constatar a insuficiência de sua teoria, não mais se contentando em enunciar a estrita equivalência entre prazer e relaxamento por um lado e, por outro, desprazer e tensão. Freud demonstra, ao contrário do que é proposto por certa tradição filosófica hedonista – para a qual a finalidade da ação humana é o prazer –, que o homem pode procurar a dor como prazer. Essa dificuldade ele teria tentado resolver em “Além do princípio de prazer” (1920) (Freud 1988c). Vale lembrar que é somente no decorrer desse texto, com a inclusão da pulsão de morte e da compulsão à repetição, que esse princípio entra na lista dos conceitos paradoxais da psicanálise.

Para Freud, existe, na nossa vida psíquica, uma tendência à repetição cuja pulsação é afirmada sem levar em consideração o princípio de prazer. Seguindo esse raciocínio, essa tendência sobrepõe-se a ele e impõe ao sujeito uma satisfação mórbida, de caráter enigmático, a ser decifrada:

Se levarmos em consideração observações como essas, baseadas no comportamento, na transferência e nas histórias da vida de homens e mulheres, não só encontraremos coragem para supor que existe realmente na mente uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio de prazer, como também ficaremos agora inclinados a relacionar com essa compulsão os sonhos que ocorrem nas neuroses traumáticas e o impulso que leva as crianças a brincar. (*Idem*, p. 36).

Trata-se, então, para Freud, de explicar esses acontecimentos, principalmente os dolorosos, cuja repetição é sempre paradoxal no que diz respeito ao princípio de prazer. Contudo, além do princípio de prazer, manifestam-se as pulsões de morte, que podemos pensá-las enquanto forças de desligamento da vida (*Tânatos*) que não podem ser apreendidas em estado puro, visto que estão ligadas às pulsões de vida (*Eros*). Este seria, pois, o novo dualismo pulsional elaborado por Freud, no momento da virada para a sua segunda tópica. De acordo com Luiz Monzani, esse dualismo provocou ruídos no interior do movimento psicanalítico, cujas reações frente ao texto de Freud foram as mais diversas, tendo, mesmo assim, a maioria delas, algo em comum: um certo mal-estar e uma reação bastante negativa. Para alguns autores, as críticas serviram para justificar um afastamento da teoria freudiana, porém, por outro lado, para a grande maioria dos estudiosos, recusar a pulsão de morte não seria a mesma coisa que recusar a teoria freudiana, mas, apenas “(...) um trabalho lento e insidioso para separar o joio do trigo.” (Monzani 1989, p. 147).

Questiona Monzani o por quê desse burburinho provocado pela publicação de “Além do princípio do prazer”, haja vista que já havia uma hipótese circulante que, embora não tão manifesta, guiava silenciosamente todo o conjunto da elaboração teórica de Freud. Para Monzani, portanto, aquilo que os freudianos negaram foi algo que, na verdade, o próprio Freud havia levado um longo tempo para assimilar, ou seja, que o fantasma da morte era quem ordenava, de forma primordial, o nosso sistema psíquico. Diz Monzani: “*Além do princípio de prazer* representou o desvelamento de alguma coisa que não se quer ver, que se deve evitar cuidadosamente: a potência silenciosa e cega da morte.” (*idem*, p. 225).

Freud vai chamar essa nova elaboração de especulação, desejando prosseguir até as últimas conseqüências. Ele será, então, conduzido por um método de raciocínio recorrente, partindo de hipóteses plausíveis, buscando encontrar seus fundamentos, articulando-os de forma lógica. Não entrarei em detalhes acerca de tal elaboração, mas vale chamar atenção para o fato de que todas as manifestações que se ligam à pulsão de morte, mesmo mais além e independentes do princípio de prazer, não se encontram necessariamente em oposição a ele. Logo, o problema das relações entre os

processos de repetição dolorosos e traumáticos e a dominação do princípio de prazer continua, em parte, sem solução. Sabemos que, do ponto de vista freudiano, a função do aparelho psíquico é ligar as cargas de energia livre, ligação essa que só reforça o princípio de prazer. Cito Patrick Valas (2001, p. 23):

O essencial não é que essas transformações sejam acompanhadas de prazer ou de desprazer, mas que os processos primários (não ligados) gerem, do ponto de vista do prazer ou do desprazer, sensações muito mais intensas do que os processos secundários (ligados).

O que Freud faz é relacionar essas sensações bastante fortes com o gozo sexual, que ele considera como sendo o prazer mais intenso que o homem pode obter:

Todos nós já experimentamos como o maior prazer por nós atingível, o do ato sexual, que se acha associado à extinção momentânea altamente intensificada. A sujeição de uma pulsão seria uma função preliminar, destinada a preparar a excitação para a sua eliminação final no prazer da descarga (Freud 1988c, pp. 83-84).

Como sabemos, Freud leva a sua reflexão até os limites do prazer. O gozo começa a se delinear, então, a partir de suas relações ambíguas com o prazer e a dor. Considerando que a pulsão de morte pode servir de obstáculo para o princípio de prazer ao manifestar-se através de fenômenos repetitivos,² gerando o prazer na dor, Freud (*idem*, p. 75) foi levado a encarar a existência de um masoquismo primário, quando, até então, ele considerava o masoquismo como sendo secundário, vinculado a um retorno do sadismo originário sobre a própria pessoa.

Valas chama nossa atenção para uma nova dificuldade: se a dor e o desprazer podem ser considerados como fontes de uma satisfação em si mesmos, quer dizer, podem ser alvos e não mais advertências no que diz respeito ao princípio de prazer, logo, assegurar a existência de tendências masoquistas na vida pulsional torna-se bastante problemático, se partimos do ponto de vista econômico. Esse enigma somente seria resolvido com a publicação de “O problema econômico do masoquismo” (1924), onde Freud distingue três formas de masoquismo: a primeira seria um masoquismo primário, erógeno, como modo de excitação sexual, caracterizado pelo prazer na dor; a segunda seria um masoquismo como expressão do ser, qualificando a perversão masoquista propriamente dita; e a terceira, seria um masoquismo moral, como modo de comportamento, dominado pelo sentimento de culpa inconsciente, que leva o sujeito a condutas de autopunição e de fracasso. Vale notar que encontramos no masoquismo primário erógeno o componente fundamental dos dois outros. Diz Valas:

Que a dor possa ser sentida como prazer se explica pelo fato de que as pulsões de morte nunca se manifestam em estado puro, pois estão estritamente atadas às pulsões de vida. Elas se combinam em proporções variáveis; entretanto, há casos em que a “doma” das pulsões de morte pela libido é incompleta. Daí resulta que a dor e o desprazer podem tomar uma conotação de prazer. (2001, p. 24).

Como nos disse Valas, o masoquismo primário erógeno participa de todas as fases do desenvolvimento da libido, sendo que até o sofrimento neurótico aparentemente mais destacado da sexualidade é investido libidinalmente. Esse sofrimento satisfaz o sentimento de culpa inconsciente, representando, assim, o auxílio mais importante da neurose que se origina do desejo recalcado, inconfessável, do qual a tendência masoquista desponta enquanto manifestação mais concreta.

Freud, ao longo de sua obra, nos apresenta a complexidade das relações entre a satisfação (*Befriedigung*), o prazer (*Lust*) e outras sensações que os extrapolam em intensidade e força. As manifestações de prazeres extremos, alegrias intensas, júbilo, volúpia ou êxtase, para os quais Freud costuma usar o termo *Genuus* (traduzido como

gozo), mais do que *Lust* (prazer), ressaltam o caráter de excesso no que tange o princípio de prazer, cuja barreira, nesses casos, é atravessada. Tais manifestações podem ser notadas enquanto sensações dolorosas que podem nos levar a repulsa, ao asco ou ao horror, na medida em que o sujeito não consegue desvincular-se delas. Cito Valas novamente: “Sem dúvida alguma, há na elaboração da pulsão de morte uma abordagem do gozo que Freud não conceitua, mas cujo campo ele delinea, traçando a fronteira que o situa mais-além do prazer.”(idem, p. 25). É, portanto, ao nosso ver, a partir daí que Lacan inicia a sua definição do gozo enquanto conceito.

É sabido que os primeiros anos do ensino de Lacan são dedicados à releitura de Freud, partindo sempre do aforismo “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, encontrando em textos como *A interpretação dos sonhos*, *A psicopatologia da vida cotidiana* e *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, argumentos que irão fundamentar a sua tese. Nesse período, Lacan tira as conseqüências lógicas daquilo que havia proposto em “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise” (1953)(Lacan 1999b), ou seja, tudo é significativo na experiência analítica. Sendo assim, o sujeito se vê diante da possibilidade de encontrar a completude do seu ser ao reconciliar-se com o seu desejo reconhecido na “palavra plena”(1999c, pp. 496-533).

Podemos considerar que a grande dificuldade encontrada por Lacan para sustentar a sua teoria do significativo é o fato de que ele se dá conta de que nem tudo é significativo para o sujeito, que também tem que lidar com o gozo, razão pela qual ele vai proceder a uma verdadeira revolução nas suas elaborações, operando a passagem entre uma teoria do tudo significativo – concepção co-extensiva ao aforismo “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” – a uma nova teoria que considera o fato de que nem tudo é significativo na experiência analítica, isto é, há o significativo e há também o gozo, cujas relações começam a ser elaboradas, como vimos, no seminário sobre *A ética da psicanálise*. (1959-1960).

A dimensão do gozo, introduzida por Lacan no referido seminário, aparece como novidade no campo freudiano, apresentando conseqüências importantes para a prática e os fins psicanalíticos. Lacan elabora aí os primeiros elementos de uma ética da psicanálise, tendo como fundamento o “bem-dizer”, cujas bases não dizem respeito a ideais, mas, sim, ao gozo específico do sujeito, onde o desejo é sempre correlato à Lei.

Enfim, mesmo cômicos das inúmeras lacunas deixados nesse texto, nos daremos por satisfeitos na medida em que tenhamos, de alguma maneira, evidenciado o motivo pelo qual Lacan destituiu o prazer do seu lugar atribuído por Freud, isto é, o prazer enquanto característica principal do *Witz*, ressaltando, a partir daí, a sua dimensão dita significativa, enquanto elabora e aguarda o momento oportuno para introduzir o seu mais novo conceito, qual seja, o conceito de gozo. Daí termos atribuído uma dimensão dita “insignificante” ao prazer. Conforme seu desejo, expressado no seminário *O avesso da psicanálise* (1969-1970)(1998, p. 77), esse conceito deveria demarcar o seu campo. No entanto, achava ele que não teria tempo suficiente para sequer esboçar suas bases, embora almejasse isto.

Referências Bibliográficas

- FREUD, Sigmund (1988a). “Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente”. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Volume VII. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago.
- _____ (1988b). “Conferências Introdutórias sobre Psicanálise”. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Volume VII. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago.
- _____ (1988c). “Além do Princípio de Prazer”. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Volume VII. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago.
- LACAN, Jacques (1974). *Télévision*. Paris: Seuil.
- _____ (1995). *O Seminário, Livro 7, A Ética da Psicanálise*. Tradução de Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____ (1998). *O Seminário, Livro 17, O Averso da Psicanálise*. Tradução de Ari Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____ (1999a). “Kant com Sade”. In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 776-803.
- _____ (1999b). “Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise”. In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 238-324.
- _____ (1999c). “A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud”. In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 496-533.
- _____ (1999). *O Seminário, Livro 5, As Formações do Inconsciente*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- MILLER, Jacques-Alain (1999). *Perspectivas do Seminário 5 de Lacan*. Tradução de Maria Josefina Sota Fuentes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- MONZANI, L. Roberto (1989). *Freud: O Movimento de um Pensamento*. Campinas: Ed. da Unicamp.
- NASIO, J.-David (1993). *Cinco Lições sobre a Teoria de Jacques Lacan*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- ROUDINESCO, Elisabeth (1994). *Jacques Lacan: Esboço de uma Vida, História de um Sistema de Pensamento*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cia das Letras.
- _____ & PLON, Michel (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Tradução de Lucy Magalhães e Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- SADE, Marquis de (1963). “La Philosophie dans le Boudoir”. In: *OEuvres Complètes*. Paris: Cercle du Livre Précieux.
- VALAS, Patrick (2001). *As Dimensões do Gozo*. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Notas

¹ As fórmulas da sexuação são proposições lógicas formuladas por Lacan para traduzir a diferença sexual e a sexualidade feminina. (Ver: Roudinesco 1998, pp. 703-704.)

² “Nada disso contradiz o princípio de prazer: a repetição, a re-experiência de algo idêntico, é claramente, em si mesma, uma fonte de prazer.” Ver: Freud 1988c, p. 53.

Artigo recebido e aprovado em 31/05/2007.